

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME IX



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1970

CÁLICE DE TERRA SIGILLATA DA OFICINA DE C. ANNIUS

(FILIADO NA OBRA DE RASINIUS)

À MEMÓRIA DE AFONSO DO PAÇO

Proveniente de escavações efectuadas no acampamento romano da Lousa (1) por Afonso do Paço, publicámos em 1967 (2) dois fragmentos de cálice que classificámos de relativamente tardio dentro da produção aretina.

No ano seguinte, após nova campanha de escavações, aquele arqueólogo visitava-nos cheio de satisfação, pois descobrira inesperadamente, distantes de muitos metros, mais trinta fragmentos da mesma peça. Passados meses, surgiram ainda, num terceiro lugar, o fragmento com figura de pantera e o que reproduz a anca e o braço direitos de uma figura feminina.

Apesar da grande quantidade destes achados o vaso não estava completo.

A falta de muitos elementos de ligação das diversas partes existentes e o grande desgaste que apresentavam as fracturas tornou extremamente difícil a reconstrução da peça. Com efeito, raros são os elementos que colam, em sentido restricto.

Este difícil e moroso trabalho de montagem (Est. II) só foi possível após a reconstituição em desenho (Est. V) (3) da decoração figurativa

(1) Situado no Concelho de Mourão, na margem esquerda do Guadiana. A fortificação data dos meados do século i a.C. e perdeu guarnecida até aos primeiros anos do século i d.C.

(2) Cf. Afonso do Paço e J. Bação Leal, Adília Alarcão e Jorge Alarcão, «Castelo da Lousa (Moura)», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, Évora, 1967, n.º 6.

(3) Reconstituição gráfica feita pela autora com a colaboração de Clara Portas.

que cobria toda a parede do vaso. Vencida esta primeira dificuldade, conseguiu delinear-se o perfil do cálice e verificar que a sequência das figuras proposta no artigo acima citado era inaceitável.

A decoração descreve uma cena dionisiaca centrada à volta da figura do deus. Acompanhado pela pantera báquica ele acolhe um sátiro que acorre da direita e lhe estende uma pinha. Esta figura é imediatamente seguida por uma ménade atrás da qual se ergue um arbusto. A esquerda de Díónisos surgem mais duas ménades entre as quais se colocou outro arbusto, idêntico ao primeiro.

Apesar da mutilação sofrida por quase todas as figuras, consegue-se compreender que a composição desenvolve uma simetria de gestos perfeitamente correspondente à atitude psíquica de cada personagem.

Ao centro, o deus pára e atende, apoiado no tirso, com serena grandiosidade. À sua frente, a pantera suspende o passo e volta a cabeça como que a interrogá-lo. Apressa-se o sátiro, ofegante, em atitude de oferta. Do outro lado, uma bacante interrompe o seu bailado tomada de êxtase, ao chegar junto de Díónisos. As ménades que seguem ambos estão igualmente orientadas para o mesmo centro, em gestos de dança, mas mais calmas.

Os mistérios dionisiacos são frequentes no repertório da T.S. aretina. Todavia, não conseguimos encontrar nenhum paralelo para o conjunto desta decoração (4).

Uma análise atenta das figuras obtidas por punção e dos elementos traçados à mão livre, faz-nos crer possível afirmar que estamos na presença de um vaso saído da oficina de C. Annius, utilizando, pelo menos, um punção de Rasinius e outros nele inspirados, como se verá adiante.

Rasinius (5) foi um dos primeiros oleiros aretinos que fabricaram cerâmica decorada. Teve oficina em St. Maria in Gradi e deixou uma obra não muito vasta mas da melhor qualidade artística. Não é possível atribuir-lhe ainda uma cronologia absoluta; todavia, parece que o termo da sua actividade foi mais ou menos coincidente com o início da terceira fase da produção de Perennius (produtos marcados M. Peren-

(4) Agradecemos uma vez mais ao Prof. Comfort a atenção que dispensou a este assunto e as sugestões que nos fez.

(5) A. Stenico, *La Cerámica Arretina, Rasinius I*, Milão, 1960.

nus Bargathes) ou seja durante os primeiros anos d.C. Num momento ainda mal definido da sua carreira, aparece associado com Memmius. Conhecem-se vários dos seus operários, mas ignora-se ainda o seu *prenomen*.

Annius (6) foi nome comum a dois artistas aretinos, Caius e Lucius, cuja produção individual é, por vezes, impossível de distinguir. Contudo, a comparação das peças marcadas já conhecidas faz pensar que o primeiro começou a trabalhar mais cedo (último decénio a.C.) e foi contemporâneo de Rasinius.

O repertório artístico destes oleiros inclui muitos elementos mais ou menos relacionados com Rasinius. Desconhecem-se ainda as condições explicativas dessa influência, mas como fez notar Stenico (7) é perfeitamente admissível que ela se deva a simples empréstimo ou derivação de punções.

Além disso não podemos esquecer as semelhanças causadas aos produtos de duas oficinas pela presença dos mesmos artistas. Pantagathus trabalhou igualmente com Rasinius e C. Annius. O seu nome apareceu ligado ao deste último em marca encontrada em Oberaden (10 a.C.) (8).

Ainda que relativamente tardio dentro da produção aretina, este cálice representa um achado raro e antigo no panorama da Terra Sigillata encontrada em Portugal.

As peças da mesma forma de que temos conhecimento (9) são de um período mais recente, ligadas à oficina de P. Cornelius cuja actividade Dragendorff situou entre os primeiros anos d.C. e a época tiberiana, mas que Stenico rebaixa consideravelmente. Ainda que sob reserva, desloca o próprio início da produção para o reinado de Tibério (10).

As recentes escavações de Conímbriga deram um vasto espólio (11),

(6) *Enciclopedia dell'Arte antica classica e orientale*, vol. I (Stenico), p. 402.

(7) A. Stenico, *op. cit.*, p. 20.

(8) *Enciclopedia Italiana dell'Arte Classica*, s.v. *Aretini o Arretini* (Stenico), p. 613.

(9) É nossa intenção reunir estas peças num estudo que aparecerá num número próximo desta revista.

(10) A. Stenico, «Sulla produzione di vasi con rilievi di C. Cispius», *Athenaeum*, N.S., Vol. XXXIII, 1955, p. 215-216.

(11) Em estudo. É sobretudo rico em cerâmica lisa.

saído em grande parte de camadas estratigráficas bem definidas, que vem demonstrar que a importação de T.S. itálica só teve significado económico a partir dos meados do governo de Augusto e durante o reinado de Tibério.

ANÁLISE DO VASO

Pasta cor-de-rosa amarelado, de grão fino e muito branda.

«Glanztonfilm» homogéneo, acetinado e de tom acastanhado.

Alt. total: 155 mm. Diâm. da boca: 198 mm. Alt. do pé: 31 mm. Espess. média: 5 mm.

Forma: variante do tipo I de Dragendorff. Combina o bordo da variante I a (ligado ao serviço I de Haltern) com o perfil largo e mais atarracado da variante I c/ (Est. I).

Paralelos: Bordo: Oxé, 1933 (12), Est. LVIII, 24, (C. Annus), Est. LVII, 294 (Achonistus C. Anni).

Pé: Oxé 1933, Est. XXXVI, 136 (Pantagathus C. Anni) — o mesmo desenho, mas mais alto do que o nosso — e Est. LXXII, 103b (Ateius).

Decoração: Diónisos (Est. III, a e Est. V) — Jovem, nú, voltado a três quartos para a esquerda e apoiado sobre o pé esquerdo e o tirso que empunha. Braço direito estendido (segurando um cântaro ? cf. Drag-Watz, fig. 21, p. 149(13). Manto descaído abaixo da cintura e passando sobre os braços num drapeado elegantemente cuidado (Oxé 1933, Est. LV, 275, p. 104-C. Annus; Drag.Watz, Est. 31, 451 e suplem. 7, 57, p. 148 e 220-Annus).

Precedido por uma pantera cujo passo foi súbitamente detido; apoiada sobre as patas trazeiras e a dianteira esquerda, tem a direita soerguida e a cabeça voltada para trás olhando o deus (Oxé 1933, Est. LV, 275, p. 104. Cf. baixo relevo neo-ático in Oswald-Pryce, Int, Est. XXXIII, 16) (14).

(12) A. Oxé, *Arretinische Reliefgefasse vom Rheim* (Materialen zur Romisch-Germanischen Keramik, Heft 5), Frankfurt a.M, 1933.

(13) H. Dragendorff, *Arretinische Reliefkeramik mit Beschreibung der Sammlung in Tubingen* (Nach des Verfassers Tode ergänzt und herausgegeben von C. Watzinger), Reuthinger, 1948.

(14) F. Oswald e T. D. Pryce, *An introduction to the study of Terra Sigillata*, Londres, 1966.

Uma cepa de vinha, farta de folhagem e frutos ergue-se por detrás de Díonisos em movimentos serpenteantes e um dos seus ramos vem curvar-se docemente sobre a cabeça dele. (Drag.-Watz, Est. 31, 451 e suplem. 7, 57a).

É interessante confrontar este conjunto atribuído a C. Annius com o molde encontrado em St.^a Maria in Gradi, na oficina de Rasinius e publicado por Stenico (Rasinius, I, Est. 17, 90, p. 34). O autor aproxima-o dos já citados e não contesta a sua atribuição. Sublinha, porém, o facto de ainda não ter aparecido nenhuma matriz da oficina dos Annii.

A comparação dos fragmentos publicados e do nosso, mostra-nos que há entre este e os de Tübingen, Munique e Colónia um parentesco maior (detalhes anatómicos e drapeado do manto) do que entre qualquer deles e o molde de St.^a Maria in Gradi. É possível que não se trate de uma única matriz.

Na oficina de C. Annius ter-se-ia reproduzido fielmente um punção originário de Rasinius.

Sátiro (Est. IV, b e Est. V) — Jovem nú, com cauda, correndo para a direita e empunhando uma pinha na mão direita. Pele de leopardo descida até à parte trazeira do joelho.

De inspiração neo-ática (cf. Oswald-Pryce, Int. Est. XXXIII, 2 e 3) como as restantes figuras e de igual qualidade artística, esta figura não encontra paralelo na bibliografia consultada. A dupla impressão que se nota em ambas as pernas, sugere fortemente como nos fez notar o Prof. Comfort, a mão de Rasinius. Convém notar, por outro lado, que esta característica não é específica daquele artista. Ela é frequente noutras obras, entre as quais a de Annius.

1. ^a ménade à direita (Est. IV, a e Est. V) — Mulher de frente, dirigindo-se para a esquerda, com a cabeça atirada para trás. A túnica plissada, cingida alto, adorna-lhe as ancas e deixa-lhe os braços inteiramente descobertos. Cabelos ondulados, retidos por uma fita. Na mão direita segura um véu que passa pelas costas, à altura dos quadris e vem prender-se negligentemente sobre a outra mão [Oxé, 1933, Est. LV, 264, p. 103 (Rasinius); Stenico, Rasinius, I Est. 19, 102 (des. 38), p. 35; Stenico, Cispus, Est. III, 27a, p. 184].

2. ^a ménade à direita (Est. V) — Apenas se conserva um fragmento de orla da túnica, da ponta do véu (à direita) que certamente a envolvia e outros da anca e do braço direito.

Não encontramos qualquer paralelo.

Ménade à esquerda (Est. III, b e Est. V) — Rapariga de costas voltada à direita com os cabelos apertados num puxo que lhe descobre a nuca. *Stola* de largas mangas plissadas. Provavelmente segurava um véu do qual parece haver vestígios junto da mão esquerda.

Embora nas suas linhas gerais a figura nos recorde outras vistas já em Rasinius (Stenico, Rasinius I, Est. 5 e Est. II, 64) não lhe encontramos paralelo.

Arbustos (Est. II) — Dois arbustos separam as três ménades. São plantas de fortes ramos nodosos e abertos, inspirados na produção rasiniana.

O desenho típico das suas folhas, denuncia, porém, a mão de Annius. Um fragmento publicado por Dragendorff-Watzinger reproduz um ramo absolutamente idêntico ao nosso. O fragmento é dito da autoria de Annius (Drag. Watz, Est. 31, 447, p. 219). Stenico (*Revisione critica...attribuzioni*, p. 81) (15) confirmou a atribuição.

Óvulo (Est. V e Est. III) — Simples e alongado corresponde ao tipo Rasinius 7 (Stenico).

A sua frequência em obras de Annius, é, porém, notável, e está sempre ligado à linha de pérolas como no nosso cálice. Particularmente importante nos parece o seu emprego no fragmento de Tubingen que acabámos de citar a propósito dos arbustos.

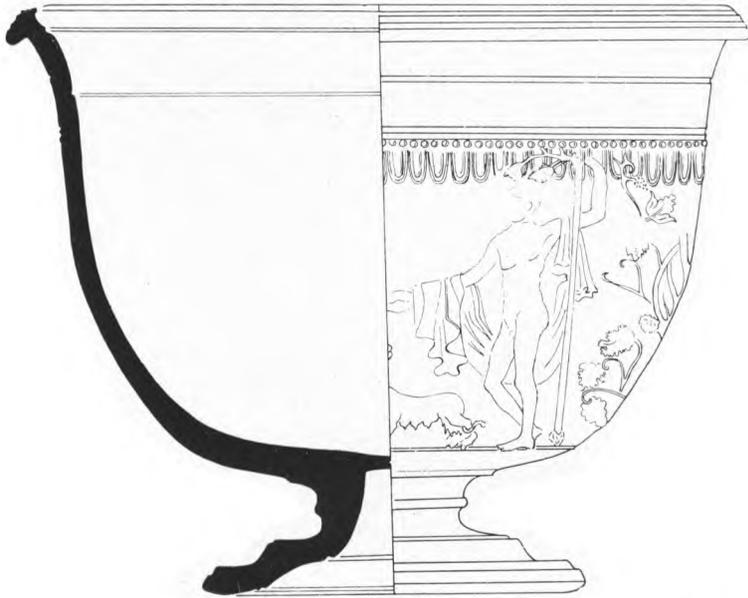
As figuras ultrapassam todas o campo da decoração, sobrepondo-se à moldura inferior e à linha dos óvulos.

A dupla impressão de punções pode observar-se em diversas figuras. É, porém, mais acentuada no sátiro e na pantera.

ADÍLIA M. ALARCÃO

(15) A. Stenico, *Revisione critica delle pubblicazioni sulla Cerámica Arretina-Liste di attribuzione dei vasellame decorato con rilievi edito fotograficamente*, Milão, 1960.

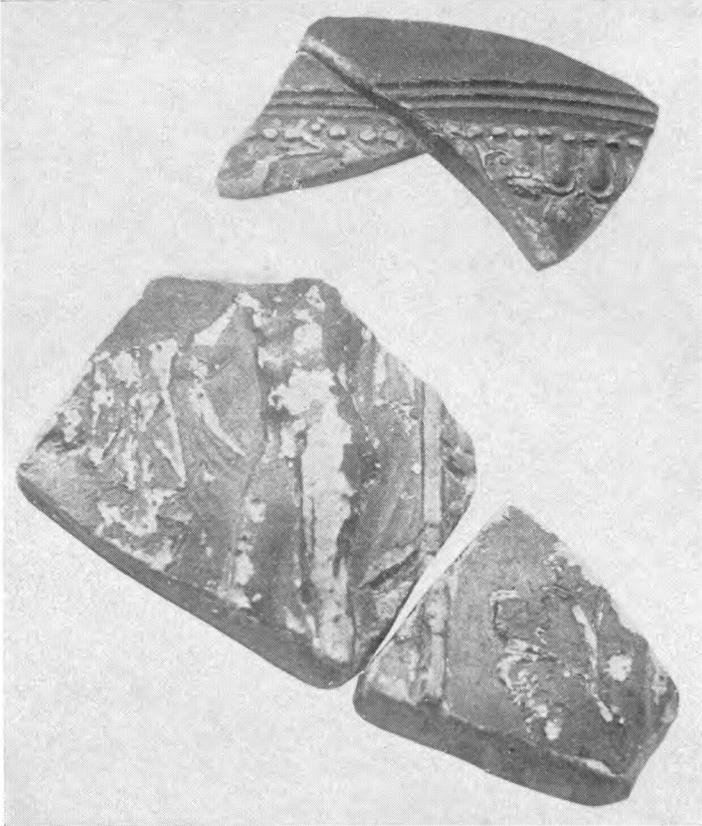
Est. I



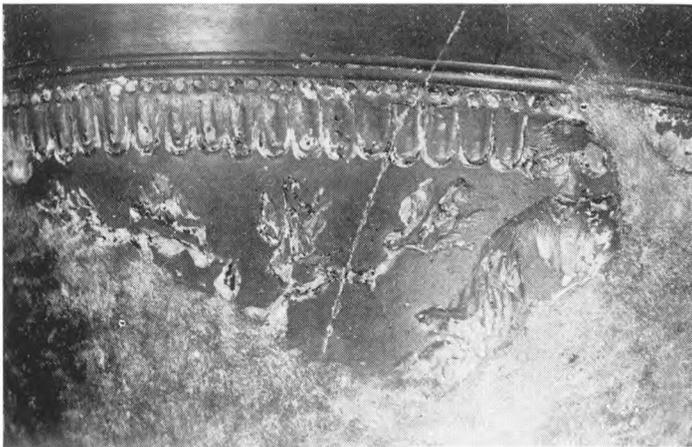
Escala 1 : 2

Est. II

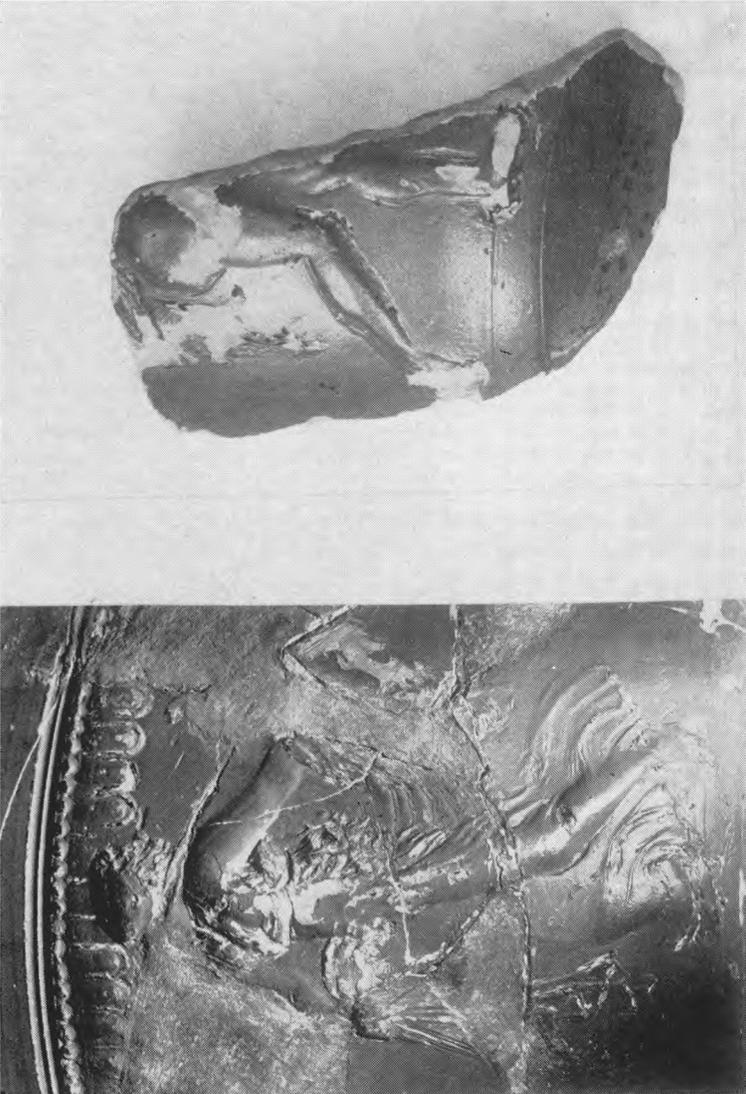




a



b



b

a

